

(Entrevista-video para a Casa da Cor, Robion 3/3/88)

Uma das distinções da pós-modernidade com relação à modernidade é que a "moral do trabalho" vai sendo substituída pela "moral informativa". O propósito da existência deixa de ser a modificação do mundo, (e do homem no mundo), e passa a ser a elaboração de significados ao mundo, (e ao homem no mundo). A razão de tal reviravolta dos valores está na revolução industrial, e nas consequências que esta teve sobre a antropologia, (a compreensão que o homem tem de si mesmo). A revolução mostrou que o trabalho, (o gesto que modifica objetos), é mecanizável, que máquinas o executam melhor que homens, e que se trata pois de gesto indigno do homem. E o desenvolvimento da revolução mostrou que máquinas podem ser programadas para o trabalho a ser executado, e que programá-las, (informá-las a propósito do significado do trabalho), é o gesto caracteristicamente humano. Ora: programar é manipular símbolos segundo regras. Uma das distinções da pós-modernidade é pois que, pela primeira vez na história, o homem se assume ente cuja dignidade específica é a manipulação de símbolos, (a codificação), que confirmam significados ao mundo, (tido por absurdo), e à vida humana, (tida por absurda). Que o homem se assuma "homo ludens", e não mais "homo faber".

O interesse existencial vai se concentrando sempre mais sobre o problema da codificação, sobre a elaboração de símbolos e regras, e toda uma série de códigos novos vai ser proposta. Simultaneamente os códigos já disponíveis vão sendo submetidos a análises e críticas sempre mais apurados. Para compreendermos tal focalização do interesse, devemos considerar o seguinte: Até agora códigos eram utilizados para servirem à transmissão de informações de homem para homem, (exemplo: língua falada), ou de homem para homem pelo intermédio de objetos, (exemplo: arte). Agora, códigos são utilizados igualmente para servirem à transmissão de informações de homem para máquina, afim que esta execute trabalho, (exemplo: código digital de computadores). Ora: os códigos que informam máquinas devem ser claros e distintos para que sejam evitados erros, já que as máquinas, cuja inteligência artificial é menos complexa que a humana, não podem interpretar mensagens. Tais códigos claros e distintos vão rebater sobre os códigos que não se destinam a máquinas, e exercerão sobre eles influência ainda não bem pesquisada. Um exemplo precoce é a influência do estilo telegráfico sobre a língua falada.

Obviamente, o interesse pela codificação não é novo. O progresso do pensamento matemático pode ser visto enquanto progressosa codificação sempre mais refinada dos símbolos que significam quantidades. Basta comparar, para compreender-se isto, equações diferenciais com a taboada. Digo isto, porque isto facilita captarmos a célebre "matematização do pensamento" que estaria ocorrendo atualmente. As tentativas atuais para a elaboração de códigos de mais em mais claros e distintos podem ser vistas enquanto tentativas para produzir códigos que rivalizem com o código matemático na sua clareza e distinção, que sejam igualmente "denotativos". E isto me parece ser o caso das tentativas atuais de codificar as cores. Antes de considerá-las, mais uma consideração introdutória ao problema:

Os códigos enquanto sistemas de símbolos organizados por regras mantêm dois tipos de relação com seus universos de significado. No primeiro tipo de relação todo elemento do universo de significado é representado no código por um único símbolo, e todo símbolo no código significa um único elemento no universo. A relação "código/universo" é pois bi-unívoca, e tais códigos são chamados "denotativos". No segundo tipo de relação todo elemento do universo de significado pode ser representado no código por mais que um símbolo, e todo símbolo no código pode significar mais que um elemento no universo, A relação "código/universo" é pois equívoca, e tais códigos são chamados "conotativos". A vantagem dos códigos denotativos é que são claros, (excluem interpretações), e sua desvantagem é que transmitem informações relativamente pobres em significado. A vantagem dos códigos conotativos é que as informações transmitidas podem ser densas em significado, (já que os vetores de significado se recobrem mutuamente e se intensificam), e sua desvantagem é que tais códigos permitem erros, (interpretações divergentes). As cores, quando usados enquanto símbolos, constituíam até agora códigos altamente conotativos, (exemplos: magia, arte, subconciente). As tentativas atuais visam elaborar códigos denotativos de cores, (exemplos precoces: código do trânsito e da rotulação de determinados produtos).

O problema fundamental que se opõe às tentativas de matematizar os códigos das cores é o fato que cores são símbolos de qualidades, quando os números são símbolos de quantidades. De fato: códigos de cores claros e distintos, (códigos que sejam denotativos), seriam instrumentos poderosos para qualificar quantidades, e para quantificar qualidades. Ora: quem diz "quantificar", está dizendo: "dividir em parcelas, em razões", e isto é o característico da "razão", do pensamento da ciência pura e aplicada. E quem diz "qualificar", está dizendo: "tornar apreciável, vivenciável", e isto é o característico da "estética", do pensamento da arte. Os códigos denotativos das cores seriam pois instrumentos poderosos para tornar a ciência "estética", e para torna a arte "racional", seriam instrumentos para sintetizar ciência e arte. Elaborar tais códigos é pois tarefa tanto da ciência pura e aplicada, quanto da arte.

Darei um único exemplo do problema que nos desafia: Algoritmos introduzidos em computador são transcodificados de números em digitais, e depois projetados em tela sob forma de pontos, linhas e planos. Tais projeções podem ser coloridas, (os símbolos de quantidades podem ser qualificados). O computador pode, em seguida, variar os algoritmos, "calculá-los". Pode manipular os pontos coloridos, as linhas coloridas, os planos coloridos, e dar assim origem a novas formas coloridas. Em alguns casos, tais novas formas coloridas podem ser inteiramente inesperadas, isto é: altamente informativas. Trata-se, em tais casos tanto de produtos da razão científica, quanto de obras de arte. O problema é: como adequar as cores às formas, como escolher sua palheta, como codificar as cores? De modo que as quantidades sejam adequadamente qualificadas, e as qualidades adequadamente quantificadas?

O exemplo foi escolhido para ilustrar o formidável desafio que as cores estão propondo ao pensamento criador futuro. As cores nos desafiam para

tornamos os enunciados da ciência exata acessíveis à vivência imediata, (para estetizarmos o conhecimento), e para tornarmos as expressões artísticas acessíveis ao pensamento racional, (para racionalizarmos o belo). As cores nos desafiam para rompermos o preconceito da ciência contra a arte, (mera aparência enganosa), e o preconceito da arte contra a ciência, (razão seca e cinzenta). As cores nos desafiam para mostrarmos não apenas que o coração tem razões que a razão ignora, mas igualmente que a razão tem coração que o coração ignora. Darei um paralelo para ilustrar o que tenho em mente:

A língua falada é código cujos símbolos são vibrações do ar, (fonemas). Vibrações do ar são audíveis, vivenciáveis, e são pois símbolos de qualidades. Tais vibrações são codificadas na música, e lá constituem códigos altamente codotativos, (arte). Mas na língua falada podem ser denotadas, (especialmente depois de terem sido transcodificadas em letras). Podem então constituir códigos altamente denotativos, (discursos da ciência e da filosofia). Na língua falada de todos os dias tais dois parâmetros dos fonemas, (o científico e o artístico), são ambos presentes. O significado do enunciado linguístico é função tanto do léxico e da sintaxe, quanto da maneira como o enunciado é pronunciado. O que nos desafia é produzirmos código de cores que tenha função comparável com o código dos fonemas. Que elaboremos toda uma série de línguas coloridas.

O paralelo não deve ser exagerado. A língua falada de todos os dias não é código muito recomendável, por ser código altamente redundante que convida à transmissão de informações sem sentido, (conversa fiada, demagogia). Ao elaborarmos os novos códigos de cores devemos evitar tais perigos. E há mais isto: a língua falada tem sido transcodificada, há mais de três mil anos, sob forma do alfabeto, quando então se tornou mais disciplinada sob forma de textos. Os novos códigos de cores já vêm disciplinados, dado o fato que são elaborados conscientemente. Não precisam ser escritos, porque são guardados em memoriais mais duráveis e fiáveis que bibliotecas: nas memórias dos computadores. Devemos, sim, elaborar línguas de cores que rivalizem com línguas faladas, mas devemos fazê-lo em base dos conhecimentos e das técnicas das quais atualmente dispomos.

Imaginem por um instante o desafio que as cores constituem no mundo pós-moderno, e do qual a Casa da Cor deve ser um foco: elaborar novas línguas que veiculem informações científicas, técnicas, artísticas, (e mais tarde também éticas, "políticas"), que o façam mais satisfatoriamente que as línguas faladas, e que permitam comunicação entre os homens, e entre máquinas e homens. Trata-se de desafio cultural de primeira grandeza. E a tarefa urge, porque nos ditos "mass media" tal codificação de cores já está ocorrendo sem o rigor e o propósito cultural aqui proposto. A Casa da Cor vale a pena, e que seja apenas para fazer face a tal desafio.

Título:

A COR NO MUNDO POS-MODERNO

Nome do consultor:

VILEM FLUSSER

Assunto/ área:

COR E O MUNDO MODERNO

Data da gravação:

03/ 03/ 88

Data da apresentação:

19/ 03/ 88

A COR NO MUNDO PÓS-MODERNO

(Entrevista-vídeo para A Casa da Cor,
Robion 03/03/88)

Uma das distinções da pós-modernidade com relação à modernidade é que a "moral do trabalho" vai sendo substituída pela "moral informativa". O propósito da existência deixa de ser a modificação do mundo (e do homem no mundo), e passa a ser a elaboração de significados para o mundo, (e para o homem no mundo). A razão de tal reviravolta dos valores está na revolução industrial, e nas consequências que esta teve sobre a antropologia (a compreensão que o homem tem de si mesmo). A revolução mostrou que o trabalho (o gesto que modifica objetos), é mecanizável, que máquinas o executam melhor que homens, e que se trata, pois, de gesto indigno do homem. E o desenvolvimento da revolução mostrou que máquinas podem ser programadas para o trabalho a ser executado, e que programá-las (informá-las a propósito do significado do trabalho), é o gesto caracteristicamente humano. Ora, programar é manipular símbolos segundo regras. Uma das distinções da pós-modernidade é, pois, que, pela primeira vez na história, o homem se assume ente cuja dignidade específica é a manipulação de símbolos (a codificação), que confirmam significados ao mundo (tido por absurdo), e à vida humana (tida por absurda). Que o homem se assume "homo ludens", e não mais "homo faber".

O interesse existencial vai se concentrando sempre mais sobre o problema da codificação, sobre a elaboração de símbolos e regras, e toda uma série de códigos novos vai ser proposta. Simultaneamente, os códigos já disponíveis vão sendo submetidos a análises e críticas sempre mais apuradas. Para compreendermos tal focalização do interesse, devemos considerar o seguinte: até agora, códigos eram utilizados para servirem à

transmissão de informações de homem para homem (exemplo: língua falada), ou de homem para homem por intermédio de objetos (exemplo: arte). Agora, códigos são utilizados igualmente para servirem à transmissão de informações de homem para máquina, a fim de que esta execute trabalho (exemplo: código digital de computadores). Ora, os códigos que informam máquinas devem ser claros e distintos para que sejam evitados erros, já que as máquinas, cuja inteligência artificial é menos complexa que a humana, não podem interpretar mensagens. Tais códigos claros e distintos vão rebater sobre os códigos que não se destinam a máquinas, e exercerão sobre eles influência ainda não bem pesquisada. Um exemplo precoce é a influência do estilo telegráfico sobre a língua falada.

Obviamente, o interesse pela codificação não é novo. O progresso do pensamento matemático pode ser visto enquanto progresso da codificação sempre mais refinada dos símbolos que significam quantidade. Basta comparar, para compreender-se isto, equações diferenciais com a tabuada. Digo isto porque facilita captarmos a célebre "matematização do pensamento" que estaria ocorrendo atualmente. As tentativas atuais para a elaboração de códigos cada vez mais claros e distintos podem ser vistas enquanto tentativas para produzir códigos que rivalizem com o código matemático na sua clareza e distinção, que sejam igualmente "denotativos". E isto me parece ser o caso das tentativas atuais de codificar as cores. Antes de considerá-las, mais uma consideração introdutória ao problema.

Os códigos enquanto sistemas de símbolos organizados por regras têm dois tipos de relação com seus universos de significado. No primeiro tipo de relação todo elemento do universo de significado é representado no código por um único símbolo, e todo símbolo no código significa um único elemento no universo. A relação "código/universo" é pois, bi-unívoca, e tais códigos são chamados "denotativos". No segundo tipo de relação, todo

elemento do universo de significado pode ser representado no código por mais de um símbolo, e todo símbolo no código pode significar mais que um elemento no universo. A relação "código/universo" é, pois, equívoca, e tais códigos são chamados "conotativos". A vantagem dos códigos denotativos é que estes são claros (excluem interpretações) e sua desvantagem é que transmitem informações relativamente pobres em significado. A vantagem dos códigos conotativos é que as informações transmitidas podem ser densas em significado (já que os vetores de significado se recobrem mutuamente e se intensificam), e sua desvantagem é que tais códigos permitem erros (interpretações divergentes). As cores, quando usadas enquanto símbolos, constituíam até agora códigos altamente conotativos (exemplos: magia, arte e subconsciente). As tentativas atuais visam elaborar códigos denotativos de cores (exemplos precoces: código do trânsito e da rotulagem de determinados produtos).

O problema fundamental que se opõe às tentativas de matematizar os códigos das cores é o fato de que cores são símbolos de qualidade, enquanto os números são símbolos de quantidade. De fato, códigos de cores claros e distintos (códigos que sejam denotativos), seriam instrumentos poderosos para qualificar quantidades, e para quantificar qualidades. Ora, quem diz "quantificar" está dizendo: "dividir em parcelas, em rações"; e isto é o característico da "razão", do pensamento da ciência pura e aplicada. E quem diz "qualificar", está dizendo: "tornar apreciável, vivenciável", e isto é o característico da "estética", do pensamento da arte. Os códigos denotativos das cores seriam, pois, instrumentos poderosos para tornar a ciência "estética", e para tornar a arte "racional", seriam instrumentos para sintetizar ciência e arte. Elaborar tais códigos é, pois, tarefa tanto da ciência pura e aplicada quanto da arte.

Darei um único exemplo do problema que nos desafia: algoritmos introduzidos em computador são transcodificados de números em digitais,

e depois projetados em telas sob forma de pontos, linhas e planos. Tais projeções podem ser coloridas (os símbolos de quantidades podem ser qualificados). O computador pode, em seguida, variar os algoritmos, "calculá-los". Pode manipular os pontos coloridos, as linhas coloridas, os planos coloridos, e dar assim origem a novas formas coloridas. Em alguns casos, tais novas formas coloridas podem ser inteiramente inesperadas, isto é altamente informativas. Trata-se, em tais casos, tanto de produtos da razão científica, quanto de obras de arte. O problema é: como adequar as cores às formas, como escolher sua palheta, como codificar as cores de modo que as quantidades sejam adequadamente qualificadas, e as qualidades adequadamente quantificadas?

O exemplo foi escolhido para ilustrar o formidável desafio que as cores estão propondo ao pensamento criador futuro. As cores nos desafiam para tornarmos os enunciados da ciência exata acessíveis à vivência imediata (para estetizarmos o conhecimento) e para tornarmos as expressões artísticas acessíveis ao pensamento racional (para racionalizarmos o belo). As cores nos desafiam para rompermos o preconceito da ciência contra a arte (mera aparência enganosa) e o preconceito da arte contra a ciência (razão seca e cinzenta). As cores nos desafiam para mostrarmos não apenas que o coração tem razões que a razão ignora, mas igualmente que a razão tem coração que o coração ignora. Darei um paralelo para ilustrar o que tenho em mente.

A língua falada é código cujos símbolos são vibrações do ar (fonemas). Vibrações do ar são audíveis, vivenciáveis e são, pois, símbolos de qualidade. Tais vibrações são codificadas na música, e lá constituem códigos altamente conotativos (arte). Mas na língua falada podem ser denotadas (especialmente depois de terem sido transcodificadas em letras). Podem então, constituir códigos altamente denotativos (discursos da ciência e da filosofia). Na língua falada de todos os dias, tais dois parâmetros dos fonemas

(o científico e o artístico), estão ambos presentes. O significado do enunciado linguístico é função tanto do léxico e da sintaxe, quanto da maneira como o enunciado é pronunciado. O que nos desafia é produzirmos código de cores que tenha função comparada com o código dos fonemas. Que elaboremos toda uma série de línguas coloridas.

O paralelo não deve ser exagerado. A língua falada de todos os dias não é código muito recomendável, por ser um código altamente redundante que convida à transmissão de informações sem sentido (conversa fiada, demagogia). Ao elaborarmos os novos códigos de cores devemos evitar tais perigos. E há mais isto: a língua falada tem sido transcodificada há mais de três mil anos, sob forma do alfabeto, quando então se tornou mais disciplinada sob forma de textos. Os novos códigos de cores já vêm disciplinados, dado o fato que são elaborados conscientemente. Não precisam ser escritos, porque são guardados em memórias mais duráveis e fiáveis que bibliotecas: nas memórias dos computadores. Devemos sim, elaborar línguas de cores que rivalizem com línguas faladas, mas devemos fazê-lo com base nos conhecimentos e nas técnicas das quais atualmente dispomos.

Imaginem por um instante o desafio que as cores constituem no mundo pós-moderno, e do qual a Casa da Cor deve ser um foco; elaborar novas línguas que veiculem informações científicas, técnicas, artísticas (e mais tarde também éticas, "políticas"), que o façam mais satisfatoriamente que as línguas faladas, e que permitam comunicação entre os homens, e entre máquinas e homens. Trata-se de desafio cultural de primeira grandeza. E a tarefa urge, porque nos ditos "mass media" tal codificação de cores já está ocorrendo sem o rigor e o propósito cultural aqui proposto. A Casa da Cor vale a pena, nem que seja apenas para fazer face a tal desafio.

* * *